



DIOCESE DO FUNCHAL  
**O Espírito Santo faz-nos testemunhas  
da vida do Ressuscitado**

**Maria, Mãe da Vida**

Missas do Parto - 2022

# Temas para o novenário das Missas do Parto

«Pós os olhos na humildade da sua serva»

			«A minha Salvação está perto».
	<b>* 16 /dezembro</b>	<b>5</b>	O Espírito Santo grava em nós a salvação de Deus.
	<b>* 17 /dezembro</b>	<b>9</b>	«Reuni-vos e escutai» O Espírito Santo une-nos e dispõe-nos para a escuta.
<b>2</b>	<b>* 18 /dezembro</b>	<b>14</b>	«Pede um sinal ao Senhor teu Deus». O Espírito Santo alimenta a nossa confiança e torna-nos atentos aos sinais de Deus. A fé requer atenção à novidade dos sinais.
	<b>* 19 /dezembro</b>	<b>19</b>	O Espírito Santo, fonte de água viva que brota no deserto e no silêncio para nos abrir à escuta da Palavra.
	<b>* 20 /dezembro</b>	<b>24</b>	«O Espírito Santo virá sobre ti». A Igreja, templo do Espírito Santo.
	<b>* 21 /dezembro</b>	<b>27</b>	O Espírito Santo impele-nos ao anúncio e ao serviço do reino de Deus.
	<b>* 22 /dezembro</b>	<b>30</b>	A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu Espírito se alegra em Deus meu Salvador. (Magnificat)
	<b>* 23 /dezembro</b>	<b>33</b>	A força do Espírito Santo, purifica-nos, converte-nos e perdoa os nossos pecados.
	<b>* 24 /dezembro</b>	<b>36</b>	Deus visita o seu povo e constrói a sua casa. (Somos templos do Espírito Santo)

# Introdução

2022

**À semelhança dos anos anteriores, a equipa de Coordenação Pastoral da Diocese do Funchal propõe, mais uma vez, algumas sugestões para as homilias das Missas do Parto tendo em conta o plano pastoral em curso.**

3

Acompanhar e seguir a Virgem Maria, nestas novenas que antecedem o Natal, interpelam-nos à vivência tão profunda e única da Espiritualidade natalícia madeirense, que é olhar para Maria, como Mãe da vida, porque ela é mãe de todos os viventes. Quando muitos, no mundo de hoje, teimam em considerar o nosso corpo como pertença individual e como matéria orgânica, que um dia terá um fim como todos os seres vivos da natureza, nós, cristãos, porque habitados pelo Espírito Santo, acreditamos na vida eterna. A vida humana, de facto, só tem sentido na comunhão e partilha com os outros, sempre envolvida pela consciência da presença de Deus e conduzida para a Eternidade. Assim, nos propõe o nosso plano pastoral diocesano.

«Neste ano pastoral (2022-2023), quero convidar-vos a dar uma particular atenção ao sacramento do Crisma e, com ele, à presença do Espírito Santo em nós, dando-nos a vida de Jesus ressuscitado e convidan-

do-nos à missão, ou seja, a mostrar com clareza e autenticidade como é feliz ser cristão, como é bom viver com Jesus, respirar com Ele e ao Seu ritmo, e partilhar a vida como cristãos (em todas as dimensões: da vida espiritual à partilha de bens materiais e à comunhão na vida eterna). Assim nos havemos de preparar para as Jornadas Mundiais da Juventude 2023 de Lisboa (1 a 6 de Agosto), com a presença do Santo Padre, que (como diz o seu lema) nos convidam a levantar e a tomar como urgente o anúncio do Evangelho (Lc 1,39).» Programa pastoral 2023.

Durante as Missas do Parto, teremos também em atenção as Jornadas mundiais da Juventude que se aproximam a passos largos, incentivando a participação dos jovens e colaborando em tudo o que estiver ao nosso alcance, para que este acontecimento seja uma grande festa da Vida na alegria do Cristo Ressuscitado.

Seria também oportuno, que refletíssemos sobre a importância da participação dos nossos Jovens nas Missas do Parto, com a agravante de, no futuro, perdermos este nosso tesouro de espiritualidade Madeirense, de origem franciscana.

Que Maria, Mãe da Vida, envolva num abraço materno este povo madeirense e nos aponte sempre os caminhos da Esperança. Sob o seu olhar amoroso, preparemo-nos para celebrar e cantar à Senhora do Parto com entusiasmo e alegria. Nestes dias de preparação imediata para a « festa », como se diz com ternura na nossa terra, pedimos a Maria que nos ensine a acolher os outros, como Ela tão bem soube acolher Jesus no seu ventre e todos os seus filhos. Que Ela volte para nós o seu olhar materno, atento e vigilante, agora e na hora da nossa morte.

\* 16 de dezembro

**«A minha Salvação  
está perto».**

**O Espírito Santo grava em nós a  
salvação de Deus.**

Primeira leitura – Isaías 56, 1-3<sup>a</sup>.6-8

Salmo – 66(67), 2-3.5.7-8

Evangelho – João 5, 33-36



2022

5

O Espírito Santo faz-nos testemunhas da vida do Ressuscitado

O chamamento que o Senhor nos faz hoje, na leitura do profeta Isaías, a respeitar o direito e a praticar a justiça tem como fim acolher a proximidade da sua salvação. Que é para nós hoje a salvação? Temos necessidade de ser salvos? Nós somos seres de desejo insaciável. As nossas aspirações ganham sentido quando nos deixamos transformar pela escuta da Palavra de Deus – de Jesus Cristo – apoiando-nos também no testemunho de todos os que nos precederam. A salvação é acontecimento de encontro com Deus, connosco mesmos e com os outros que nos liberta da tendência a fecharmo-nos em nós mesmos, na solidão da nossa autonomia, na recusa do amor divino que se dá a nós em partilha. A busca humana da justiça é um sinal da vontade de ser salvo, uma vez que a justiça tem a ver com a verdade do relacionamento humano, a unidade e a paz entre todos na aceitação da dignidade e da diferença de cada um. Somos confrontados com os males do mundo em que vivemos e com os nossos próprios males de homens e mulheres pecadores, males que nos afastam de Deus. Corremos o risco de nos satisfazer com a mediocridade. Deixamos de viver com esperança. Quando Deus diz: «A minha salvação está perto», renasce a esperança dum mundo mais humano e mais verdadeiro que nos empenha a trabalhar com persistência por um relacionamento justo e humano entre todos. «Deus – diz Orígenes no século III – nunca se cansa ao querer salvar os homens. Não cansa o Senhor aquele que corre para a sua salvação. Porém aquele que, quando Deus procura salvá-lo, foge para longe da salvação e se afasta do Senhor, esse cansa o Senhor» (Homilia sobre Isaías). A salvação de Deus estende-se a toda a terra. Derruba os particularismos e os privilégios de elite, as fronteiras dos povos e das raças. É o anúncio duma autêntica fraternidade livre dos conflitos e dos egoísmos de grupo. O Senhor acol-

he a boa vontade dos estrangeiros que forem fiéis à sua aliança: «Hei-de conduzi-los ao meu santo monte, hei-de enchê-los de alegria na minha casa de oração». Quer portanto reunir num só povo todos os povos da terra. Hoje, apesar de vivermos num mundo globalizado, ligado por inúmeras tecnologias de informação, nunca pareceu tão comprometida a realização duma autêntica fraternidade. A salvação de Deus é caminho de fraternidade entre os povos e implica uma comum adoração. A paz efectiva no nosso mundo não se pode separar do cumprimento das aspirações religiosas dos povos da terra.

O Espírito Santo age em nós quando nos abre generosamente ao acolhimento da salvação de Deus. Derruba as rotinas, os conformismos e dá-nos a saborear a actualidade da Palavra de Deus para a nossa vida. Realiza em nós a convergência e a conversão das nossas melhores aspirações porque Ele mesmo nos torna, como João Batista, testemunhas da verdade. No Evangelho de S. João, a verdade não é uma teoria nem um ideal vago mas um encontro com Jesus Cristo e a decisão de o seguir. O Espírito Santo é a proximidade, a interioridade da salvação de Deus, a própria vida divina que nos é dada em partilha. A sua acção é discreta, silenciosa mas produz em nós frutos de paz, de humildade e de fraternidade. Com maior razão dizemos que, pelo Espírito, a salvação não só está perto mas faz-se vida na nossa vida, fermento duma nova humanidade, experiência de comunhão com Deus.

O testemunho de João Batista é o daquele que viveu a sua missão como uma forma de serviço, o serviço do Deus próximo que faz Aliança e suscita uma multidão de testemunhas. João Batista aparece no Evangelho não só como aquele que anuncia o Messias mas também

como alguém que já vive dele. Se historicamente a sua missão se situa no limiar da vinda do Messias, a luz que ela irradia é já a do Evangelho. É certo que a austeridade de João contrasta com a familiaridade e o acolhimento de Jesus. O profeta do deserto e do Batismo de penitência não podia imaginar que o Messias fosse a uma festa do casamento ou se fizesse convidado para entrar na casa dum pecador como Zaqueu. Porém, a sua humildade diante do Messias que Deus envia é disposição para acolher a novidade da Palavra e da acção de Jesus. João Batista deu um testemunho de escuta e de obediência que fez dele uma lâmpada que brilhava e que ardia, uma luz que é o anúncio próximo da alegria do Evangelho. A testemunha é aquela que se deixa iluminar pela luz de Deus para poder iluminar outros a seguir o Evangelho: Deixar-se iluminar para poder ser luz para os outros. Neste sentido, João Batista acolheu em plenitude a salvação de Deus. O Espírito agiu nele porque a sua palavra condizia com a sua vida. Jesus também tem um testemunho a dar mas, como Ele o diz no Evangelho, o seu testemunho é maior do que o de João. Ele é a testemunha do Pai porque faz a sua vontade como Filho único. João era testemunha da verdade, da salvação de Deus. Jesus é «o caminho, a verdade e a vida», a salvação já presente que o Espírito Santo incorpora na nossa vida, fazendo-nos viver a experiência de que o amor de Deus é fonte duma humanidade nova. O grande desafio é o de viver como filhos de Deus.

O testemunho que damos é o de pessoas que acolhem a salvação de Deus como fonte de esperança e de alegria expressa através duma forma mais humana e mais fraterna de viver? Seguir Jesus é para nós a forma fundamental de ser salvo? Num mundo de estímulos intensos como o nosso, como descobrimos a vida interior onde habita o Espírito Santo?

**\*17 de dezembro**

2022

# **«Reuni-vos e escutai».**

## **O Espírito Santo une-nos e dispõe-nos para a escuta.**

Primeira leitura - Génesis 49, 2.8-10

Salmo – 71(72), 2-4.7-8.17

Evangelho – Mateus 1, 1-17

9



O Espírito Santo faz-nos testemunhas da vida do Ressuscitado

A palavra decisiva de Judá aos seus filhos, num momento em que a sua vida chega ao fim, é uma palavra que os convoca à escuta e à unidade. É porventura isso que qualquer verdadeiro pai deseja para os seus filhos: que não desprezem o que receberam, fazendo dessa herança ocasião de criatividade; que não deixem de viver na unidade, vencendo os conflitos de interesses ou de heranças que podem surgir. Jacob, na primeira leitura, reúne os filhos à sua volta para lhes legar em herança a sua palavra que vale mais do que muitos bens. Aqui é o chamamento do pai que faz crescer os filhos porque lhes dá razões para serem filhos e irmãos. Chamamento que os filhos são exortados a manter sempre presente, mesmo quando o pai não estiver entre eles, porque é por ele que passa o futuro da família.

10

## "Saber **escutar** exprime-se na capacidade em **assumir as suas raízes**"

Saber escutar exprime-se na capacidade em assumir as suas raízes, aquelas que o saber e a experiência paternas oferecem como oportunidade de crescimento. A capacidade de escutar exprime em nós a precedência do dom, dos muitos dons que recebemos e assimilámos, ainda que sem nos termos dado conta. Ninguém se faz sozinho e a gratidão pelo que recebemos ajuda-nos a crescer em humanidade. Há, por vezes, no passado, razões para ser posto à prova, feridas, dores escondidas prontas a gerar a tristeza e mesmo o desânimo. É por isso que muitos evitam todo o confronto consigo mesmos. A

escuta é também uma prova que supõe a reconciliação com Deus, consigo mesmo e com os outros. Para que ela permaneça é preciso um esforço constante de desprendimento e humildade, a capacidade de encontrar a paz dentro de si, a renúncia aos seus pontos de vista rígidos, a aceitação daquilo que é diferente. Para saber ouvir, invoquemos o Espírito Santo que é pleno acolhimento da Palavra do Pai e nos leva a ouvir o Filho de Deus. Num mundo que nós povoamos de inúmeras palavras como para tentar esgotar a fonte que nos interpela deixemo-nos surpreender pela sua luz. Esta é a meta da escuta a que Jacob chama os filhos que reúne à sua volta.

Há uma outra experiência que nasce da escuta. Jacob diz aos filhos: «Reuni-vos e escutai». Ele fala como se a meta da reunião fosse a verdade da escuta do pai. Assim, a escuta autêntica resulta do nosso desejo de unidade e conduz a ele. Para cada filho, Jacob tem uma palavra apropriada que designa a sua missão, o que cada um fará depois da partida do pai. Ele enuncia com esperança o futuro de cada um deles. Hoje ouvimos o que Jacob anuncia a propósito de Judá e da sua descendência, a força e a fidelidade com que há-de permanecer até que venha o Rei messias. Na verdade, Jesus é descendente da linhagem de Judá, através de S. José, como ouvimos na genealogia do Evangelho.

**"A escuta autêntica resulta do nosso desejo de unidade e conduz a ele"**

Jacob está ciente de que a vocação de cada um dos filhos, chefes das doze tribos de Israel, é diferente. No entanto, todos eles são irmãos e precisam de permanecer na unidade. A verdadeira força da família será mesmo a sua unidade. Dela há-de ser banida toda a rivalidade como toda a inveja nascida das diferenças entre os irmãos. O que o pai entrega a cada um dos filhos não é para ser disputado entre eles. Cada um há-de assumir a palavra paterna, mesmo se ela anuncia um lugar de destaque para Judá. Há aqui uma lição de sabedoria que permanece para nós. É na diferença assumida dos dons de cada um que se constrói a fraternidade. Nenhuma unidade é possível uniformizando as diferenças. A diferença há-de ser uma oportunidade para crescer sem rivalidade nem inveja.

12

**"É na diferença assumida dos dons de cada um que se constrói a fraternidade (...) A diferença há-de ser uma oportunidade para crescer sem rivalidade nem inveja".**

Como família de Deus, a Igreja é a casa da unidade e da comunhão. Esta unidade é construída pelos dons diferentes que Deus dá a cada um como um Pai aos seus filhos. É o Espírito Santo que nos livra de toda a tentação de rivalidade e de concorrência. Elas estão sempre prontas a renascer se não nos deixarmos renovar e confirmar pelo Evangelho, graças à acção em nós do Espírito.

A genealogia de S. Mateus revela-nos a acção progressiva de Deus no tempo longo da história e da sucessão das gerações. Ele sabe incorporar na história, feita de pecadores e pecadoras, a santidade dos seus dons que libertam e salvam. A sua Palavra percorre e orienta o caminho das muitas gerações. S. Mateus divide a história do povo eleito em três etapas, cada uma delas composta de catorze gerações. Faz referência a quatro mulheres, todas elas reconhecidas na história bíblica como pecadoras: Tamar, Raab, Rute, a mulher de Urias. Isto revela a grande paciência divina, sinal do seu amor. Ele aceita que a sua Palavra se insira num mundo de pecadores chamados à conversão e assim faz sempre renascer a esperança, mesmo nos momentos mais difíceis. É aqui que o Espírito Santo nos convida a discernir com atenção. Neste mundo concreto que nos atribula mas no qual Deus está presente e nos ajuda a ver os grandes desafios, saber escutar e caminhar na unidade são dois sinais da forma como acolhemos a novidade de Jesus na nossa vida.

Como acolhemos o dom do Espírito através da escuta da Palavra e uns dos outros na nossa comunidade? Somos capazes, com o seu auxílio, de acolher e promover a unidade entre todos, aceitando as diferenças e afastando a rivalidade? Procuramos ler os sinais de Deus na nossa história pessoal e familiar?

**\* 18 de dezembro**  
**IV Domingo do Advento**

**«Pede um sinal ao Senhor teu Deus»»».**

**O Espírito Santo alimenta a  
nossa confiança e torna-nos  
atentos aos sinais de Deus.**

*A fé requer atenção à novidade dos sinais.*

**14**

Primeira leitura - Isaías 7, 10-14

Salmo - 23(24), 1-6

Segunda leitura – Carta aos romanos 1, 1-7

Evangelho - Mateus 1, 18-24



«Pôs os olhos na humildade da sua serva»

Acáz recebe a ordem de pedir a Deus um sinal para si mas sem deixar de receber a novidade do sinal que Deus lhe vai dar, quer nas «profundezas», quer nas «alturas». Não lhe cabe determinar qual será o sinal mas apenas esperá-lo. Comentando esta passagem, Orígenes observa: «Ele foi-me oferecido como sinal, o meu Senhor Jesus Cristo. Tal é o sinal que se ordena a Acáz de pedir para si mesmo, na profundidade ou na altura. Na profundidade, pois é bem Jesus que desceu; na altura, pois é ele que se elevou acima de todos os céus ... também nos é solicitado de pedir para nós mesmos este sinal a fim de que seja para nós um sinal eficaz» (Homilia 2 sobre Isaías). Se é desejável pedir um sinal a Deus pois toda a criação é imagem do Criador, temos contudo de aceitar com fé o sinal que Deus dá, sinal que converte e transforma as nossas aspirações. A ordem dada por Deus acaba por ser recusada por Acáz: «Não pedirei, não porei o Senhor à prova». O rei justifica a sua recusa com o argumento de não pôr o Senhor à prova. Que significa então pôr o Senhor à prova? Não será desafiá-lo a realizar os sinais que nós aspiramos, os que nos são convenientes e nos arranjam? Não será também recusar o desafio à conversão que os sinais de Deus nos colocam, simplesmente porque nos surpreendem e nos incitam a mudar de caminho? No entanto, será esse o motivo que levou Acáz a recusar pedir um sinal a Deus para deixar que Deus lhe manifeste o seu sinal? A recusa de Acáz explica-se pela alternativa: Ou os sinais de Deus, Ou os nossos sinais. O Senhor faz-lhe saber que não deve ser assim. Todo o sinal é aquele que sobe do coração humano como um grito de confiança. É o próprio Espírito de Deus que faz germinar a procura de sinais dentro do nosso mundo, a começar já no íntimo do coração. Tudo o que existe pode tornar-se sinal de Deus, manifestação da sua presença. O próprio

Jesus convida à confiança: «Pedi e recebereis, procurai e achareis» (Mt 7,7). A fé em Deus é fonte desta confiança que nos faz avançar na vida. Ele mesmo, através do seu Espírito, toma corpo nas nossas aspirações para nos conduzir e nos orientar, para nos revelar a meta a que somos chamados.

**"Todo o sinal é aquele que sobe do coração humano como um grito de confiança".**

16

Simplesmente, o desafio coloca-se na aceitação da surpresa que os sinais de Deus provocam na trama da nossa vida. Neste sentido, Acaz tem toda a razão de não querer pôr o Senhor à prova. O risco é o de pretender que os nossos sinais sejam ao mesmo tempo os de Deus e que Deus seja à imagem das nossas melhores aspirações. Neste caso, fazemos dele um ídolo e ele deixa de ser o Deus vivo. Por conseguinte, os nossos pedidos de sinais precisam da humildade da nossa escuta e da coragem da nossa conversão: «Por isso, o próprio Senhor vos dará um sinal: Há-de a Virgem conceber e dar à luz um filho, a quem porá o nome de 'Emanuel'». Emanuel quer dizer: Deus conosco. Deus está conosco em Jesus mas não simplesmente para nos confortar nas nossas ideias, palavras e acções mas para nos chamar a fazer caminho com Ele e suscitar uma resposta de vida mais digna da nossa humanidade e da sua divindade. A sua proximidade não retira nada do que nós somos. Pelo contrário, dá pleno sentido ao que

vivemos. O Deus próximo aproxima-nos dele e uns dos outros.

O sinal que Deus nos dá em Maria é novo em relação a todos os anúncios das Escrituras e, no entanto, S. Mateus sublinha que é ao mesmo tempo o cumprimento da Palavra anunciada em Isaías: «A Virgem conceberá e dará à luz um Filho, que será chamado Emanuel, que quer dizer 'Deus conosco'». O Espírito Santo está na fonte da sua maternidade. Ele é a revelação do amor de Deus que nos quer salvar. Ele precede e acompanha a vinda do Filho de Deus. Por Ele, Maria é mãe e permanece Virgem. Na verdade, Jesus não é mais um de entre os profetas mas o Filho, a Palavra pela qual Deus tinha criado o mundo e na qual se tinha dirigido aos homens antes de a enviar ao coração da nossa humanidade, criada à sua imagem e semelhança. O percurso da Palavra é o da humildade e da paz. É um convite à conversão. Não podia deixar de ser assim, a começar por S. José, intrigado com a gravidez inesperada da sua noiva. S. Mateus chama-o homem justo, um homem cumpridor da lei, fiel à Aliança e disposto a acolher os sinais de Deus mesmo que esses sinais surpreendessem a sua inteligência. O anjo do Senhor aparece-lhe num sonho para revelar-lhe que a gravidez da sua noiva era um sinal novo de Deus que ele não devia temer porque assim se realizava a salvação do seu povo. Era a ele, José, que cabia dar o nome ao filho mas o nome não era mais do que a confirmação da ação divina. Como acontece nas Escrituras, o nome

**"O percurso da Palavra é o da humildade e da paz. É um convite à conversão"**

dato era a revelação duma missão: Jesus é Aquele que salva porque Ele é o grande sinal da presença de Deus no meio do seu povo, o Emanuel. O Espírito Santo dá a capacidade de acolher progressivamente este dom através dum caminho que leva ao louvor e à acção de graças. José é justo porque se deixa conduzir pelo caminho da fidelidade que Deus lhe propõe através do seu anjo. É justo graças à sua fé que não é feita de obras mas da aceitação da vontade de Deus a seu respeito. A fé é a resposta à humildade de Deus que vem até nós. Ela é a aceitação da sua proximidade, fonte de liberdade: «Quando despertou do sono, José fez como o Anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu sua esposa». S. José não procurou outra segurança senão a da Palavra que lhe era anunciada pelo anjo. Deixou-se transformar por ela e assim tornou-se plenamente um homem justo. O que o Espírito Santo realizara no seio de Maria também o realizou no coração de José. Acolheu Jesus como seu filho sabendo que vinha do alto. Deixou-se surpreender pela missão que o anjo lhe confiava e inscreveu-a na sua vida. Depois de ter fecundado o seio de Maria, o Espírito Santo suscitava a resposta da fé de José. Ambos deixavam-se guiar pelo Espírito de amor, como servos dispostos a entregar o que tinham recebido por um dom gratuito. O dom de Deus, o Espírito Santo, leva sempre ao dom de si mesmo e é assim que se aprende a amar.

Que sinais gostaríamos de pedir a Deus para serem colocados sobre o altar? Sabemos aceitar o grande sinal do nascimento de Jesus como fonte de novidade na nossa vida? Com a ajuda do Espírito Santo, somos capazes de recolhimento para perceber a Palavra de Deus presente nos acontecimentos da nossa vida?

**\*19 de dezembro**

# **O Espírito Santo, fonte de água viva que brota no deserto e no silêncio para nos abrir à escuta da Palavra.**

**Primeira leitura – Juízes 13, 2-7.24-25a**

**Salmo – 70(71), 3-4a.5-6ab.16-17**

**Evangelho – Lucas 1, 5-25**



As leituras de hoje falam-nos da esterilidade de dois casais, Manoé e sua mulher, Zacarias e Isabel, junto dos quais o chamamento de Deus escutado através do anjo vai abrir uma fonte de vida e de esperança não só para a família mas também para todo o povo de Deus. Em Israel, a fecundidade da família era vista como o sinal da bênção de Deus. A esterilidade, pelo contrário, era objeto de permanentes interrogações que podiam gerar tanto a compaixão como a discriminação. Um casal estéril, mesmo inteiramente fiel à lei de Deus, carregava a cruz dos preconceitos dos outros, dos reparos dos próprios familiares mais próximos. A esterilidade era assim comparável a uma forma de deserto aonde não brotava a água da vida, aonde não se via o Espírito de Deus gerar a vida nova. Era sinal duma certa monotonia, incapaz de transmitir o sopro que anima a vida, a força que flui do seu íntimo.

**"Da escuta como acolhimento do dom nasce a fecundidade da fé e a missão de a levar aos outros"**

A Escritura dá testemunho de que Deus escolhe também os caminhos da esterilidade para os transformar, para os tornar fecundos e fazer deles uma fonte de esperança para o seu povo. Ele abre caminhos no deserto da vida graças à acção permanente do seu Espírito. Convida-nos à confiança, a uma escuta atenta capaz de descobrir os pequenos germes do Reino

de Deus nos acontecimentos correntes de cada dia. A palavra do anjo dirigida à mulher de Manoé é escutada com atenção e partilhada com alegria. Esta forma de obediência à Palavra é sinal da acção do Espírito de Deus. A primeira hospitalidade não é outra senão a da escuta. Ela é mesmo a condição de todas as outras hospitalidades e ela está sempre unida à transmissão da Palavra. Para transmitir é preciso aprender a escutar. É o que faz na primeira leitura a mulher de Manoé. Assim que ela escuta a Palavra de Deus que lhe vem pelo anjo, logo vai transmiti-la ao marido para partilhar com ele a alegria do anúncio do anjo. O Espírito Santo ensina-nos a escutar e a partilhar. Faz-nos sair de nós mesmos no encontro que é também testemunho, transmissão. A fecundidade não é apenas biológica. É também, e fundamentalmente, espiritual. A missão que Deus dará a Sansão é sinal da fecundidade da escuta de seus pais aberta à totalidade do povo de Deus. Deus não dá um filho a Manoé e sua mulher para consolo dos dois mas para a futura edificação do povo de Deus. Assim, da escuta como acolhimento do dom nasce a fecundidade da fé e a missão de a levar aos outros. A escuta verdadeira requer sempre um empenhamento e um compromisso como vemos nas condições que o anjo coloca à mulher de Manoé para acolher a maternidade anunciada.

A revelação feita a Zacarias situa-se no contexto do templo de Jerusalém e da atividade litúrgica que lhe cabia em virtude do seu turno sacerdotal. É no silêncio do santuário que o anjo do Senhor se dirige ao sacerdote oficiante com um apelo a vencer o temor para poder acolher o feliz anúncio do nascimento dum filho, anúncio que vai ao encontro do seu

desejo mais profundo: «A tua súplica foi atendida» diz o anjo. É agora de admirar que ele se questione sobre a oportunidade deste nascimento quando pergunta ao anjo: «Como hei-de saber que é assim, se eu estou velho e a minha esposa de idade avançada?». Talvez o voto duma descendência fosse mais do passado do que do presente pois Zacarias fica surpreendido com este anúncio inesperado. O anjo indica o nome que o pai dará ao filho, nome que aponta para a sua missão: João. Ele será motivo de alegria e terá a seu cargo «fazer voltar os corações dos pais a seus filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos, a fim de preparar um povo para o Senhor». O que João será como profeta em Israel depende do plano de Deus e Zacarias deve aceitá-lo. Ora, o anjo censura-o pela falta de fé e anuncia-lhe que guardará o silêncio até ao dia em que se cumpram as suas palavras.

O silêncio de Zacarias é uma forma de deserto e de esvaziamento destinado a deixar germinar a semente da fé. O Espírito de Deus conduz-nos também a este silêncio que é uma forma de purificação e preparação para a escuta da fé. Quantos de nós não gostaríamos de razões óbvias para acreditar, de tal modo que a fé não tivesse esta dimensão de risco e de aposta que lhe é associada? Também Zacarias quer saber das razões para acreditar como condição para confiar na palavra que lhe é anunciada. O seu longo silêncio

**"O silêncio de Zacarias é uma forma de deserto e de esvaziamento destinado a deixar germinar a semente da fé".**

dar-lhe- á a força para responder com fé à palavra do anjo quando lhe nascer o filho prometido. O seu silêncio dar-lhe-á a capacidade de conhecer-se a si mesmo para ousar sair de si no momento oportuno do nascimento de João. O silêncio imposto é uma prova mas daqui sairá uma verdadeira experiência da Palavra, um cântico de louvor e de gratidão pelo que Deus continua a fazer ao seu povo. O Espírito de Deus sabe tirar do silêncio do homem um cântico de admiração e de louvor diante da novidade da Palavra de Deus. Assim, o silêncio de Zacarias não é simplesmente a renúncia imposta a tomar a palavra mas o tempo da germinação da Palavra de Deus no seu coração.

**"O Espírito de Deus sabe tirar do silêncio do homem um cântico de admiração e de louvor diante da novidade da Palavra de Deus. "**

Que experiência temos da fecundidade da Palavra de Deus nos tempos mais difíceis da nossa vida? Dámo-nos conta de que o Espírito de Deus foi capaz de abrir caminhos nos nossos impasses? Sabemos dar tempo ao silêncio necessário para a oração e o louvor?

\* 20 de dezembro

# «O Espírito Santo virá sobre ti». A Igreja, templo do Espírito Santo.

Primeira leitura – Isaías 7, 10-14

Salmo – 23 (24), 1-6

Evangelho – Lucas 1, 26-38

24



«Pôs os olhos na humildade da sua serva»

Na leitura de Isaías, o rei Acáz recusa pedir um sinal a Deus e dá como justificação da sua recusa o facto de não querer pôr Deus à prova. Que significa «pôr Deus à prova»? Nós sabemos que Deus não é como o homem e, no entanto, sabemos atribuir traços do temperamento humano a Deus. Fazemos dele, por vezes, um aliado nas nossas causas sem procurar saber primeiro se são causas justas e dignas dEle. Nos sofrimentos da vida, invocamo-lo e queremos que ele actue conforme os nossos pedidos. Queixamo-nos quando a resposta tarda ou não vem no momento que queremos. Às vezes mesmo, pomos Deus do nosso lado para julgar os outros. Pôr Deus à prova é uma forma de invocar o nome de Deus em vão, é sujeitá-lo aos nossos interesses e conveniências, fazer dele mais um ídolo do que o Emanuel que caminha connosco sem se prender às nossas representações e imagens, sem deixar-se instrumentalizar pelas nossas intenções. Embora Deus tenha deixado no mais fundo de nós mesmos a sua imagem, ele proíbe-nos de fazer dEle qualquer imagem que não seja a que Ele mesmo nos apresenta na pessoa de Jesus Cristo, o Deus connosco. Para conhecê-lo, precisamos da sua graça, do seu Espírito que nos abre ao conhecimento da sua Palavra e à conversão da nossa vida. É pela acção do seu amor que nos aproximamos dEle. A Igreja é chamada a ser o lugar da proximidade e do respeito do rosto de Deus que dá fundamento à dignidade humana. Na medida em que anuncia Jesus Cristo, é na Igreja que aprendemos a amar a Deus, conhecendo-o e respeitando o seu Nome. Deus, dizia, Santo Agostinho, é mais íntimo do que o meu íntimo e superior ao que há de mais alto no mundo.

Quando o arcanjo Gabriel se dirige a Maria para lhe anunciar que Deus a escolheu para ser mãe do Mes-

sias, diz-lhe com brevidade e determinação: «Avé, ó cheia de graça, o Senhor está contigo». A proximidade do Senhor é fonte de alegria. Na língua grega, Avé significa «Alegra-te». Quando a Palavra de Deus é proclamada e acolhida, então germina a alegria. Essa alegria vem do amor de Deus por nós. Maria é cheia de graça, isto é, cheia da caridade que é o próprio Deus, cheia do Espírito Santo. O anjo não a convida a pedir um sinal mas apresenta o sinal do alto para que o acolha. Todo o diálogo que se segue é já um acto de confiança da parte de Maria. Ela será mãe do Filho do Altíssimo em virtude do Espírito Santo que vem habitar nela como num templo. Maria responde ao sinal dado com o sim de toda a sua vida: «Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua Palavra». Ela aceita o sinal de Deus e deixa-se transformar por ele. É dispondo-se para fazer a sua vontade que ela realizará a sua vocação materna.

-O Espírito Santo age na Igreja como num templo. Ele gera em nós a interioridade necessária para que acolhamos o Emanuel.

- A autêntica alegria vem de dentro e faz-nos entrar em nós mesmos para descobirmos aí o lugar do nascimento da Palavra de Deus em nós. É a partir daqui que nasce a comunhão com os outros.

-A nossa resposta ao amor de Deus é sempre uma resposta comunitária. O louvor é comum, como a gratidão. É no dom de nós mesmos que nos damos também a Deus. Graças ao Espírito Santo que age na Igreja, cada um de nós aprende a dizer com Maria: Faça-se a tua vontade. A vontade de Deus é que todo o homem tenha vida e a vida verdadeira é comunhão com Ele e uns com os outros.

**\*21 de dezembro**

2022

# **O Espírito Santo impele-nos ao anúncio e ao serviço do reino de Deus.**

**Primeira leitura - Cântico dos Cânticos 2, 8-14**

**Salmo – 32 (33), 2-3. 11-12. 20-21**

**Evangelho – Lucas 1, 39-45**

**27**



O Espírito Santo faz-nos testemunhas da vida do Ressuscitado

O livro do Cântico dos Cânticos, abundantemente comentado na tradição espiritual da Igreja, é um cântico de amor que foi aplicado ao cristão e à Igreja na sua totalidade. Se o amor de Deus se manifesta em plenitude na Páscoa de Jesus e ele é o esposo do seu povo, a comunidade reunida, a Igreja, é a esposa de Cristo. Como afirma o Concílio Vaticano II, «Cristo ama a Igreja como esposa, fazendo-se modelo do homem que ama sua mulher como o próprio corpo; e a Igreja, por sua vez, é sujeita à sua cabeça». O mesmo amor nupcial existe entre Cristo e cada crente, marcado com o sinal da sua Páscoa desde o Batismo. Por isso, a voz do amado é para nós o eco da Palavra de Cristo, sinal do seu amor. É Ele que nos desperta e nos levanta pela sua Ressurreição. Ele anuncia que, nos momentos difíceis, ao Inverno da vida vai suceder uma nova primavera. Este é um convite a sair de si mesmo, a converter-se, a deixar as mágoas da vida passada para encontrar o perdão de Deus. Deus deseja este encontro connosco porque nos ama e quer dar-nos o seu amor, o único pelo qual nos tornamos verdadeiramente nós mesmos. O amor faz crescer o outro enquanto outro. Tal é o amor de Cristo que nos abre ao dom da vida, à generosidade, ao serviço.

Depois de ter respondido com o dom de si mesma ao chamamento divino, Maria pôs-se a caminho «apressadamente», pelas montanhas de Judá, para comunicar a Palavra que tinha recebido de Deus e que germinou no seu seio. A pressa de Maria é sinal do seu amor, como a esposa do cântico dos cânticos vai ao encontro do seu esposo, para receber dele o anúncio dum tempo novo. A alegria não pode deixar de ser comunicada e nasce do encontro das mães e dos filhos: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?».

Maria leva Cristo a sua prima Isabel e esta recebe a mãe e o Senhor com grande veneração e alegria. Ambas são felizes porque acreditaram. O canto do Magnificat começa a ser partilhado por todas as gerações e é já o sinal da presença do Reino de Deus entre os homens.

O testemunho cristão nasce da nossa resposta ao amor de Deus que nós conhecemos em Jesus Cristo. Só este amor faz de nós missionários do Evangelho. Só este amor faz-nos capazes de sair de nós mesmos para irmos ao encontro dos outros levando-lhes Jesus Cristo, como Maria ao encontro de Isabel.

-A Igreja, diz a constituição *Lumen Gentium*, «enriquecida com os dons do seu fundador e guardando fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a missão de anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus em todos os povos e constitui o princípio e o germe deste mesmo Reino na terra. Enquanto vai crescendo, suspira pela consumação do reino e espera e deseja juntar-se ao seu rei na glória»(nº 5). O anúncio do Reino requer o entusiasmo e a fidelidade de quem ama.

-Se não estamos convencidos, graças à fé, de que existe uma certa harmonia entre o Evangelho de Jesus, entendido na sua plenitude, e a aspiração secreta posta por Deus no fundo do homem de todos os tempos, falar-nos-á a audácia apostólica que é a única que pode atingir o homem do nosso tempo. O Evangelho assume as autênticas aspirações humanas, convertendo-as a Cristo e levando-as assim à sua plena realização.

**\*22 de dezembro**

# **A minha alma agradece ao Senhor, e o meu Espírito se alegra em Deus meu Salvador.**

*(Magnificat)*

**30**

Primeira leitura – 1 Samuel 1, 24-28

Salmo – Cântico de Ana, 1 Sam 2,1.4-8

Evangelho – Lucas 1, 46-56



«Pôs os olhos na humildade da sua serva»

Ana conduz o seu filho Samuel ao Templo para oferecê-lo ao Senhor, em resposta ao voto que lhe fez. Na verdade, ela tinha prometido que se o Senhor pusesse fim à sua esterilidade e lhe desse um filho, essa criança seria-lhe oferecida. Com o filho, Ana leva o necessário para oferecer um sacrifício no Templo de Silo. A este gesto, ela junta a sua palavra de gratidão e de louvor. A sua oração foi ouvida. O filho que lhe foi dado pertence agora ao Senhor. Por isso, a mãe entrega-o ao Templo fazendo de certo modo o dom da sua maternidade. O Senhor, que lhe tinha concedido o filho, destina-o a ser profeta e espera dele uma palavra de resposta a este chamamento. A gratidão pelos dons de Deus engrandece o coração humano. Ela é uma fonte de humanidade e de unidade na família e entre as famílias. Ela revela-nos a generosidade de coração. Ela é um sinal de fidelidade. Em geral, habituamo-nos a ser exigentes em relação aos outros mas esquecemos o que também recebemos deles. A gratidão é uma forma de sair de si, o reconhecimento de que crescemos conjuntamente no dom mútuo. A oração de louvor é um sinal de gratidão e ela constrói a nossa unidade na família e entre famílias, precisamente como família de Deus.

**"A humilde serva assume a história do seu povo, como se partilhasse com ele a sua maternidade".**

O Magnificat brota do encontro entre Maria e a sua prima Isabel. No encontro e graças à palavra de Isabel, Maria reconhece que a sua maternidade é um dom de Deus e faz dom de si mesma louvando o Senhor. A sua gratidão

é a alegria de ser chamada por Deus. Uma alegria que ela partilha com o seu povo que é, em primeiro lugar, o destinatário da sua maternidade. A gratidão e o cântico de louvor avivam a memória. Por isso, a humilde serva assume a história do seu povo, como se partilhasse com ele a sua maternidade. A fidelidade de Deus mantém-se de geração em geração. Na sua justiça e sabedoria, Ele dispersa os soberbos, derruba os poderosos e exalta os humildes. Na sua misericórdia, Ele cumpre a promessa feita a Abraão e à sua descendência. No canto do Magnificat a memória ajuda a ler o presente e abre à esperança. O louvor é gratidão e intercessão ao mesmo tempo.

- A oração de Ana e de Maria anunciam a oração da Igreja feita de gratidão pelo dom de Deus – Jesus Cristo – oferenda de si mesma e de toda a humanidade como Corpo de Cristo, intercessão pelas necessidades dos homens e mulheres de cada tempo. A gratidão, a oferenda e a intercessão exprimem o dom da vida no seguimento de Jesus. O que damos a Deus aproxima-nos, faz-nos generosos e gratos com os outros porque pedimos uns pelos outros e uns com os outros.

- Promover o encontro para a oração é importante para as famílias e as comunidades cristãs. É assim que a Igreja se constrói.

- A oração comum beneficia a cada um e a todos: a cada um porque, para ser verdadeira, ela leva ao dom de si; a todos, porque a comunhão nasce da generosidade e da alegria pelo dom da vida, como Maria no Magnificat.

\* 23 de dezembro

# A força do Espírito Santo, purifica-nos, converte-nos e perdoa os nossos pecados.

Primeira leitura – Malaquias 3, 1-4.23-24

Salmo 24, 4-5.8-10.14

Evangelho Lucas 1, 57-66



2022

33

O Espírito Santo faz-nos testemunhas da vida do Ressuscitado

O profeta Malaquias designa o dia da vinda do Senhor como o dia da purificação e da reconciliação. O mensageiro que o Senhor vai enviar para abrir o seu caminho anunciará ao mesmo tempo esta purificação e esta reconciliação. Duas imagens são empregadas pelo profeta para simbolizar esta purificação: o fogo do fundidor e a lixívia dos lavandeiros. Ambas significam a acção do próprio Deus no seio da humanidade pecadora. Ele afasta o pecado e transforma o pecador para que encontre vida nova na fidelidade à Aliança e seja justo. Os tempos não caminham finalmente para o declínio da morte mas para a grande transformação de Deus. Por isso, o anúncio do dia do Senhor é sempre sinal de passagem para a vida, sinal de esperança. Deus nunca deixa, através dos seus profetas, e na figura emblemática de Elias, de chamar à reconciliação porque, se o seu dia é «grande e terrível» como afirma Malaquias, isso não se deve a uma acção divina devastadora mas à instauração dos tempos novos da reconciliação e da paz. Este é aliás o anúncio do novo Elias que há-de vir: reconduzir o coração dos pais a seus filhos e o coração dos filhos a seus pais. Tal é a missão de João Batista no limiar dos tempos novos, assim como dos Apóstolos depois da Páscoa. A Igreja, transformada pelo perdão pascal, é chamada a ser anunciadora do perdão, condição para a paz. A glória de Deus e a paz na terra passam pela reconciliação.

**"A Igreja, transformada pelo perdão pascal, é chamada a ser anunciadora do perdão, condição para a paz".**

O silêncio de Zacarias, resultante da sua falta de fé no anúncio do Anjo sobre o nascimento do filho, é um caminho de purificação e de conversão. Há silêncios que fecham em si e afastam dos outros, mas não é esta a atitude de Zacarias. O seu silêncio é o da meditação da Palavra de Deus, do confronto interior consigo mesmo, da abertura progressiva à fé na acção de Deus. No momento decisivo, ele soube reconhecer a verdade do anúncio do anjo. O tempo do silêncio foi o da sua conversão. Ele confirma, como sua esposa Isabel, que o nome do filho será João. Rompe assim a tradição de escolher o nome do filho entre os nomes de família, evocando a novidade da missão que lhe fora anunciada para este filho. Ele é o novo Elias a quem o Senhor incumbe de «converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos» Lc 1, 17. Zacarias percorre o itinerário do silêncio e da meditação, oportunidade para a conversão, até à efusão da palavra de louvor a Deus, sinal da capacidade de comunicação que Deus dá a quem se converte.

-É nossa missão na Igreja e no mundo viver a reconciliação e o perdão de Deus, para sermos missionários desse perdão.

-Nunca devemos desistir de esperar, rezar e agir para a reconciliação com todos e em especial no interior da família.

-Estamos conscientes de que o tempo do Advento e Natal é para nós um tempo para a reconciliação nas famílias, sem a qual não há verdadeira festa?

- A conversão a que somos chamados precisa do silêncio da oração para poder abrir-nos a uma comunicação sã e verdadeira entre nós.

**\*24 de dezembro**

# **Deus visita o seu povo e constrói a sua casa. (Somos templos do Espírito Santo).**

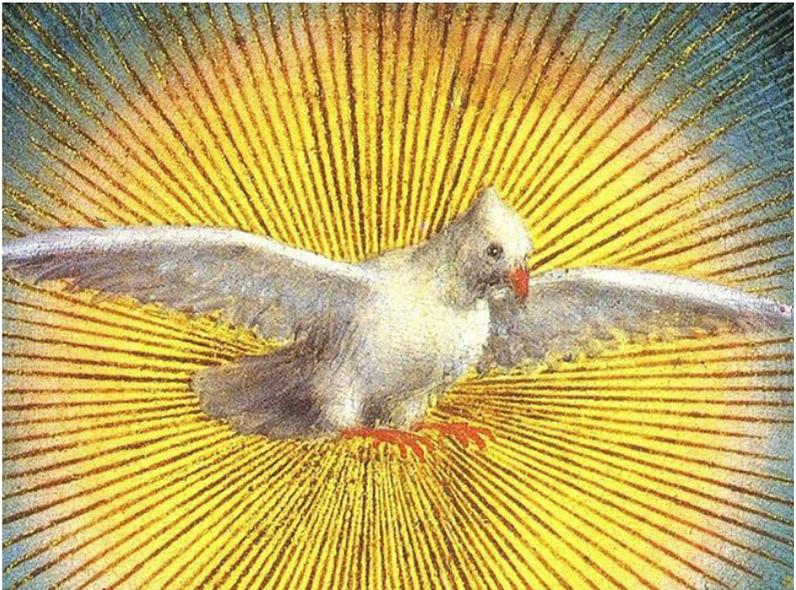
**36**

Primeira leitura – 2 Sam 7, 1-5.8b-12.14a.16

Salmo 88(89), 2-5.27.29

Evangelho Lucas 1, 57-66

Lucas 1, 67-79



«Pôs os olhos na humildade da sua serva»

O rei David anuncia ao profeta Natã a sua vontade de construir um templo para honrar e adorar a Deus que o fez chefe de Israel. Não é justo, diz David, que a arca de Deus se encontre numa tenda, como no tempo do deserto, enquanto o rei já possui uma casa de cedro. Natã não tem nada a opor a este desejo que é sinal de gratidão mas Deus faz-lhe saber que ninguém pode circunscrever a sua presença e a sua acção a um lugar. O lugar da sua presença é o mundo que ele criou e o povo que ele escolheu como sinal de salvação para os outros povos. Não são os homens que constroem uma casa para Deus, mas antes Deus que edifica a sua casa para os homens. Deus não se deixa fixar num lugar nem numa imagem. Ele é o Deus da Páscoa, da passagem, do Êxodo, da peregrinação. O verdadeiro templo de Deus é a sua presença na história pessoal de David e do seu povo: «Tirei-te das pastagens», «Estive contigo», «Dar-te-ei um nome» ilustre, «prepararei um lugar para o meu povo», «farei que vivas seguro». Todas as dimensões do tempo são transformadas pela Palavra de Deus: o passado leva à gratidão, o presente ao louvor, o futuro à esperança. O Senhor constrói a sua casa. «Se o Senhor não edificar a sua casa, em vão trabalham os que a constroem», diz o salmo 126.

O cântico de Zacarias, após ter recuperado a fala, é uma vasta acção de graças pelas obras de Deus. Ele «visitou e redimiou o seu povo». A visita de Deus é a sua Palavra dirigida ao homem desde a criação. É uma visita salvadora e constante ao longo da história. Deus envia um «salvador poderoso» e cumpre assim a promessa feita a Abraão e à sua descendência. A fidelidade de Deus e a sua misericórdia ao longo das gerações andam sempre unidas. A sua vinda é como «o sol nascente» que ilumina e vence a noite do mundo. A luz que brilha na aurora é a do nascimento de Jesus, luz que atravessa os séculos e continua a trazer a

salvação. É assim que Deus constrói a sua casa e partilha connosco o seu amor.

- A Igreja é a construção de Deus. É a conformidade de vida ao Evangelho que faz crescer a Igreja. Isso liberta-nos do pessimismo e de querer construir apenas com as nossas forças e aptidões. Livra-nos também da tristeza que poderiam provocar as desilusões e os fracassos, unindo a nossa vida à cruz de Jesus.

-A luz de Cristo continua a nascer na Igreja vencendo a noite do pecado, da divisão e das pretensões humanas. Ela nasce em nós quando o recebemos na nossa vida, deixando-nos transformar por Ele.

**38**

- O facto de Deus construir a sua casa – a Igreja -, em nada diminui o nosso empenho. Pelo contrário, somos chamados a agir com o melhor de nós mesmos, pondo ao serviço de todos os dons que recebemos na Paróquia, no movimento a que pertencemos, na vida diocesana.

Este trabalho foi realizado com a colaboração  
do Cónego Vítor dos Reis Franco Gomes  
na parte da reflexão Teológica e Pastoral  
e na parte gráfica pelo Padre Giselo Andrade.

A todos os Párcos e suas Comunidades desejamos um  
Santo e Feliz Natal cheio de paz e amor.

